



1 – INTRODUÇÃO

1.1 - Poema épico escrito por Camões "com o labor análogo ao das abelhas" (J. M. Rodrigues, 1927, p.69), e ligado à nacionalidade de um povo (o povo português) como nenhum outro (J. M. Rodrigues, 1927, p.74), *Os Lusíadas* são uma obra cujo estudo merece uma atenção especial.

Nunca será de mais salientar que se trata de uma obra de grande complexidade e de dimensão cultural muito abrangente e profunda, que reflecte um entrecruzar de vários *mundos*, que é preciso compreender e decifrar.

Assim é, desde logo, por *Os Lusíadas* serem uma obra do Renascimento (uma obra 'global'), pelo grande empenhamento que neles depôs o seu autor, e pela valia estético-literária que possuem, mas ainda pelo assunto que desenvolvem, pelas realidades que focalizam, pelos valores políticos e morais que apresentam, pelos conteúdos epocais e intemporais que veiculam, pela condição, que é a sua, de obra prima da literatura mundial.

E assim é, igualmente, pelos muitos factores, de forte densidade ideológico-cultural, presentes em *Os Lusíadas*, tais como (J. M. Rodrigues, 1927, p.86): a pluralidade das fontes literárias e culturais; a religião, a mitologia, a ciência, a política, o conteúdo histórico-geográfico da antiguidade e da modernidade, com debate de opiniões sobre múltiplos assuntos; as noções cosmográficas, etnográficas, de fauna e flora; os códigos epocais, literários e culturais; as particularidades de linguagem, vocabulário, organização do discurso...

Tudo isto tem a ver com o facto de *Os Lusíadas* seguirem a tradição da epopeia clássica, que sempre foi aproveitada, pela escola, com finalidades pedagógicas e educativas – versando (e estudando) variadas áreas do saber (leitura, gramática, retórica, história, filosofia, geografia...), focalizando, nomeadamente, personagens, acção, mitologia, cultura, ideias, valores...

Assim aconteceu entre os gregos. Homero foi denominado "educador da Grécia" (Platão, 1996, 607-a, p.475). Os seus poemas, sobretudo a *Iliada* e a *Odisseia*, eram ditos em ocasiões festivas, por *aedos* e *rapsodos* – os poetas que declamavam poemas ao som da cítara, nas festas, celebrando os feitos dos heróis ou acontecimentos importantes (M. H. R. Pereira, 1990, p.146) –, e aproveitados na escola, em lugar central, exercendo grande influência no modelo de educação.

Da cultura grega, a influência de Homero passou à cultura romana (M. H. R. Pereira, 1990, pp.55-63), tocando, primeiro, a elite aristocrática, dela transitando para o domínio popular (H.-I. Marrou, 1948, pp.35-37).

Depois, a Eneida, epopeia do povo romano, foi igualmente aproveitada para fins pedagógicos e educativos.

Através das epopeias, Grécia e Roma exerceram uma "posição revolucionadora e solidária" na história da educação humana (W. Jaeger, 1995, p.7), tornando-se, por essa via, a antiguidade clássica "tesouro inesgotável de saber e de cultura" (W. Jaeger, 1995, p.19).

Pela divulgação que delas foi feita pelos romanos, as epopeias clássicas chegaram às culturas ocidentais, e assim se prolongaram, com influências nos domínios da língua, dos discursos, da religião, dos usos e costumes... (M. H. R. Pereira, 1990, pp.149-151), para as epopeias posteriores, que as tomaram como referência.

Assim acontece com *Os Lusíadas*, precisando, por isso, de ser considerados com atenção especial.

1.2 - "Ensinar" *Os Lusíadas* não é tarefa fácil. *Os Lusíadas* são, sobretudo, uma obra de que se aprende a gostar e que se aprende a ler. E estes dois aspectos aparecem interligados. Gosta-se porque se compreende, e compreende-se porque se aprendeu a ler.

Nesta aprendizagem, integra-se, naturalmente, o desenvolvimento do espírito crítico do leitor. E quanto a isto, é preciso chamar a atenção para o facto de *Os Lusíadas*, como obra clássica que são, poderem *pressionar* os leitores, sobretudo os mais jovens, interferindo com a liberdade de construírem a sua leitura. Por esse facto, mesmo insistindo-se, junto dos alunos,

sobre que, apesar da sua condição, *Os Lusíadas* são uma obra que, não só admite, mas também suscita leituras, reflexões, tomadas de posição, concordâncias e discordâncias... como qualquer outra, será de compreender, e até de esperar, por parte deles, alguma retracção.

Depois, há dificuldade em seleccionar bibliografia para o seu estudo, pela multiplicidade de autores que se aplicaram sobre ela. Mesmo assim, muitas vezes a escola acaba por aceder àquilo que tem mais disponível (por exemplo: resumos, colectâneas de *colagens* com referências duvidosas e em *enésima* mão, manuais de ensino apressadamente elaborados ⁽²⁾, e até com erros...), seguindo o caminho mais fácil, muitas vezes longe de ser o melhor.

As bibliotecas escolares, apesar do grande avanço operado nos últimos anos, continuam a não estar capazmente apetrechadas, e não existem hábitos de se protagonizarem nem promoverem, através da biblioteca (nas suas dimensões essenciais, biblioteconómica e educativa), projectos de dinamização envolvendo obras literárias.

Além disso, dadas a multiplicidade e a complexidade da obra, é preciso fazer opções. Por mais que se reconheça que a abordagem de *Os Lusíadas*, na escola, deve ser diversificada e completa (M. V. L. Matos, 1983; M. A. L. S. Silva, 1988; S. Benedito, 1997; A. P. Pais, 1982...), não há tempo nem meios para que o seu estudo seja realizado numa dimensão integral. Importa, por isso, seleccionar o "mais importante", desenvolvendo competências e inculcando saberes que possibilitem, aos alunos, outras (novas e mais amplas) leituras, no futuro.

Há trabalhos disponíveis, sobre partes específicas da obra, que, mesmo dirigindo-se a professores (por exemplo, A. P. Castro, 1972; V. A. Silva, 1999; L. M. Silva, 2005; M. C. N. Faria, 1972...), poderão e deverão ser, com o apoio destes, disponibilizados e trabalhados com os alunos.

⁽²⁾ - São reconhecidas limitações, no estudo de *Os Lusíadas*, por parte de muitos manuais escolares. Mesmo assim, por vezes exagera-se nas apreciações feitas. Apresentamos um exemplo. Foi muito comentada a iniciativa de um manual escolar que aplicou os signos do Zodíaco ao estudo do poema de Camões (jornal *Correio da Manhã*, de 16.01.2004). Fez-se muito ruído sobre esta "ideia", que, sem ser brilhante, também não se vê que deslustre o estudo de *Os Lusíadas*, desde que se circunscreva, entre outras, a uma actividade lúdica a desenvolver. Afinal, para quê fingir que se desconhece que os alunos dão atenção a estas realidades? E se essa referência for motivadora e contribuir para desbloquear o entendimento excessivamente rigoroso que muitos alunos fazem da epopeia camoniana, nada haverá a opor. Já muito mais grave (e falou-se menos sobre isso) foi a tentativa de, a pretexto de mais uma *reforma educativa*, se ter tentado esvaziar os currículos da presença de *Os Lusíadas*, retirando-os da escolaridade obrigatória, remetendo-os para depois, e tornando o seu estudo disponível apenas em alguns cursos. As dificuldades introduzidas pela complexidade de *Os Lusíadas* combatem-se com a qualificação do seu estudo, e não com o retardamento ou a anulação dos seus efeitos na escolaridade.

Importaria que *Os Lusíadas* fossem uma das obras de leitura recorrente, para os portugueses. Mas isso só se conseguirá quando as gerações mais jovens tiverem acesso a uma boa preparação escolar de base, neste domínio.

1.3 - É preciso tomar consciência dos objectivos que nos devem mover no trabalho com *Os Lusíadas*, na escola.

Como objectivo principal, terão de se desenvolver esforços para que os alunos se tornem capazes de 'ler' a obra, a leiam de facto, e retirem os melhores e mais fundos proveitos da sua leitura.

Já é lugar comum referir que não se ensina a ler, mas aprende-se a ler. Não há lugar, na escola, para leituras únicas, nem por parte de um leitor nem de um grupo de leitores. Por isso a escola não tem de se substituir aos alunos, fazendo, por eles, uma leitura (*oficial*) de *Os Lusíadas* e impondo-lha já pronta.

Importa que, na escola, se faça de *Os Lusíadas* uma leitura crítica, aberta, fundamentada.

Ao professor compete apontar caminhos, mas não os deve percorrer *conduzindo* o aluno. Antes deverá deixá-lo aprender a construir as suas leituras (e nunca substituindo-se ao aluno para as fazer), intervindo como motivador e suscitador de aprendizagens, facultando informações e pistas para elas, orientando sempre que existam dificuldades. De outro modo, o aluno nunca adquirirá competência de leitura e nunca aprenderá a *ler*, nem *Os Lusíadas*, nem obra nenhuma, do único modo em que isso é possível: com competência, mas em liberdade.

2 – A DIDÁCTICA TRADICIONAL DE OS LUSÍADAS

Que caminhos seguiu a didáctica de *Os Lusíadas*, no passado?

Ficando-nos pelo período dos anos quarenta, cinquenta do séc. XX, para cá, se houve bons mestres, que com saber, solicitude, motivação... orientavam os alunos no estudo de *Os Lusíadas*, outros existiram que tudo fizeram para os levar a detestá-los.

Um "método" que ficou celebre foi o da análise gramatical redutora (para a qual, a aceitar-se, muitos alunos nem sequer estavam psico-pedagogicamente preparados), não raramente

acompanhada por... cinismos, humilhações, agressões, faltas a vermelho, expulsões da sala, más notas, reprovações, insucesso crónico...

Em vez de estimularem à compreensão da obra, professores havia que ditavam a numeração dos elementos da frase (sujeito 1, predicado 2, complemento directo 3, indirecto 4, complemento circunstancial 'x' 5, etc.), daí resultando mnemónicas e destrezas mentais sem qualquer benefício para o estudo de Camões e muito menos para a formação do aluno.

Outra via "metodológica" seguida foi a do aproveitamento político-ideológico de um autor que, sendo da Pátria, não é de nenhum regime político em especial, e muito menos de um regime que, enquanto tal, foi autocrático, monolítico, intolerante.

Estes "métodos" não são ficção, existiram, de facto, e foram praticados, por exemplo, com o autor destas linhas, que não prescinde de os denunciar.

Depois do 25 de Abril de 1974, as circunstâncias começaram a alterar-se. Mas se as abordagens tendenciosas, do tempo do Estado Novo, deixaram de ser fomentadas, o estudo do poema de Camões não parece ter ganho grande coisa com isso. A formação dos professores, neste domínio, não acompanhou a massificação operada no ensino, e, por melhores intenções que existissem, não se podia esperar que a 'realidade' se transformasse *por decreto* ⁽³⁾.

Aqui e ali têm surgido incentivos a novas visões de *Os Lusíadas*, aplicáveis à escola. Todavia, estamos convicto de que necessitaremos, ainda, de bastante tempo e consideráveis esforços para atingirmos, globalmente, um nível aceitável neste domínio.

3 – PARA UMA NOVA DIDÁCTICA DE OS LUSÍADAS

3.1 - Mais importante que qualquer definição, será apresentar a didáctica nos seus efeitos, no que é possível ganhar com ela.

Alguns dos aspectos a considerar, através dela, prendem-se com ajudar os alunos a melhorarem continuamente o seu aproveitamento escolar (com autonomia, adequação de situações conhecidas a situações novas, na sala de aula, na escola e fora dela), recorrendo-se,

⁽³⁾ - Um pesado silêncio impera, ainda hoje, acerca de como cada professor lecciona *Os Lusíadas* dentro da sua sala fechada...

depois da delineação de objectivos e conteúdos, à aplicação de estratégias adequadas (metodologias, actividades, materiais) e à avaliação constante do trabalho desenvolvido.

A didáctica (H.-J. Ipfling, 1979, pp.89-92) serve o professor na tarefa de otimizar o seu trabalho docente.

Mais que a "arte de ensinar", como por vezes é considerada, ela direcciona-se para o desencadear da predisposição e do empenhamento para "aprender" por parte de cada aluno.

Por isso importa que quem "ensina" saiba, ainda, motivar e desenvolver conteúdos, pondo os seus conhecimentos e o seu *saber práctico* (no sentido profissional enunciado por D. A. Schön, 1996) ao serviço da formação daqueles com quem trabalha.

3.2 – Havendo necessidade de cuidados especiais no estudo das obras clássicas, importa atender à formação dos professores, à preparação dos alunos para a "autonomia de leitura", à disponibilização de meios adequados para se alcançarem as finalidades pretendidas.

a) Formação de professores.

Impõe-se orientar a formação de professores no sentido da sua preparação para essas áreas, pondo-se o maior cuidado no estudo específico das línguas e das culturas clássicas, de modo que os mesmos professores se tornem capazes de desenvolver estas matérias com proficiência. A solução envolve questões de política educativa. Mas não estando, por si mesmos, como se deseja (Unesco, 2001), motivados nem capacitados para essa área específica dos saberes humanos, como poderão os professores fazer os alunos progredir dentro dessas matérias? E é bem conhecida a desvalorização de que os estudos clássicos têm sido objecto, a todos os níveis, no nosso sistema educativo.

b) A preparação em "autonomia de leitura".

Importa atender à preparação em "autonomia de leitura" com que os alunos acedem ao estudo de *Os Lusíadas*. Sendo esta uma obra cuja leitura requer cuidados especiais, quando ela aparece focalizada nos programas de ensino terá de ter atrás de si, com outros textos, uma profunda exercitação no desenvolvimento da competência de leitura. Este aspecto, sendo frequentemente ignorado, é uma das principais causas da desmotivação dos alunos, que se

deparam, em *Os Lusíadas*, com dificuldades superiores àquelas que se lhes apresentam no acto de leitura em geral.

c) A disponibilização de meios adequados.

Importa tornar acessível o estudo de autores clássicos, entretanto caídos no esquecimento por se terem esgotado as edições das suas obras e terem deixado de ser referenciados. Há que fazer uma selecção dos principais e reeditá-los, para que fiquem acessíveis, pelo menos nas bibliotecas. É preciso, igualmente, incentivar os professores para que elaborem os seus próprios materiais didácticos e consciencializar as editoras de que não devem pretender substituir-se aos professores e às escolas na preparação dos materiais necessários. Isto aplica-se, sobremaneira, ao caso que aqui nos interessa, dado que *Os Lusíadas* são uma obra essencial na cultura portuguesa, e a sua abordagem não pode ser feita pela via da *policópia de ideias*.

4 – ASPECTOS A RECONSIDERAR NUMA ABORDAGEM RENOVADA DE *OS LUSÍADAS*

Não há abordagens definitivas nem ideais de nenhuma obra (H. Bloom, 2000), seja em que domínio for, e muito menos tratando-se de abordagens didácticas. Cada abordagem leva o cunho de quem a formula, e quando e como a formula, pelo que a presente proposta terá tanto mais utilidade quanto mais não for *seguida*, mas tomada por aquilo que é (uma proposta), reflectida e adaptada, criticada, se necessário transformada noutra, mais assumida e pessoal.

O importante é que a proposta adoptada seja útil, responda às situações de aprendizagem, ajude a escola (a sala de aula) a desempenhar as funções formativas e educativas para que efectivamente existe.

Com esta salvaguarda, propomo-nos sugerir uma abordagem de *Os Lusíadas* que focalize os seguintes aspectos, que consideramos essenciais: o autor, a época, a escrita e as motivações da obra, a estrutura, os episódios de maior destaque, os valores (dimensão formativa da obra).

Tais aspectos, não sendo, de modo algum *novos*, podem ser focados de modo "renovado", na medida em que se for capaz de os considerar (através de metodologias, actividades, recursos e materiais, manuais de ensino, avaliação...), numa perspectiva competente e empenhada:

promovendo, o mais possível, aprendizagens, com seriedade e rigor, fundamentação e citação de fontes, reflexão e sentido crítico, construção de leituras, apropriação de atitudes e valores...

Esta é a via da "renovação" que consideramos possível e necessária para a abordagem "renovada" desta obra essencial da cultura portuguesa, e, como tal, logo a partir da escola, essencial para a formação dos portugueses.

4.1 - O AUTOR

Camões é o "Poeta da Pátria". Por isso não admira que a sua figura tenha despertado grande interesse, procurando-se saber quem, efectivamente, ele foi e como viveu.

Sem se considerarem tais aspectos imprescindíveis no estudo de *Os Lusíadas*, é preciso reconhecer que se trata de referências importantes, tanto mais que, na escola, eles vão ser dirigidos a alunos em fase de desenvolvimento muito sensível a este tipo de realidades.

São poucas as certezas que existem sobre a pessoa de Camões, tendo-se verificado, sobretudo a partir do século XIX, um grande desejo de reconstrução do que terão sido a sua personalidade e a sua vida. Esse facto contribuiu para que se enveredasse por abordagens 'românticas', e apresentasse Camões com "requintes de imaginação" – o que contribuiu para que, como alguém disse (L. C. Gonçalves, 1947, p.11), se tecesse "uma biografia injuriosa" do Poeta.

Sobre Camões, têm-se dito muitas coisas. À mistura com alguns elementos fundamentados, aparecem outros que ficam muito longe de o ser. Infelizmente, nas biografias que avultam, em trabalhos de divulgação e até em manuais de ensino, tem predominado a ficção e o romance.

Há que saber respeitar a separação, que se verifica, de facto, entre o autor e a sua obra (G. Genette, 1972; V. Erlich, 1974), e tirar daí todas as consequências no sentido da verdade e da objectividade relativamente ao conhecimento a construir acerca da biografia do Poeta.

Um caso de desrespeito total por esse princípio (não duvidamos que motivado por boas intenções) é, por exemplo, a biografia de Camões, de Hermano Saraiva (J. H. Saraiva, 1978), que, sem documentos nem provas, mas apoiado em suposições e intermitências informativas retiradas da obra (como se a *Lírica* ou *Os Lusíadas* tivessem meramente pendor biografista...), pinta um "Camões bem diferente" do que ele na realidade terá sido (A. C. Ramalho, 1978).

Devemos ter a coragem de reconhecer que gostaríamos de saber muito mais sobre Camões, mas que, de facto, sabemos muito pouco. Até um dia (é uma esperança que estamos autorizados a alimentar), quando forem descobertas outras fontes.

Para combater os excessos biografistas, importa atender aos autores mais chegados ao tempo de Camões e procurar, depois, preencher, o mais credivelmente possível (indicando-o como hipóteses), as lacunas que subsistem.

No particular da biografia de Camões, importa que sejam dadas a conhecer, aos alunos, as duas "Vidas" de Camões (M. F. Sousa, 1972-a; M. F. Sousa, 1972-b), escritas por Faria e Sousa (1590-1649), a anteceder a sua edição comentada de *Os Lusíadas* e das *Rimas Várias*, nas discordâncias que elas apresentam, e ainda outros contributos, como os de Pedro de Mariz (1565-1615) e de Severim de Faria (1583-1655), sem se ignorarem os comentários de Manuel Pires de Almeida (1597-1655). Todos estes contributos são importantes para se adquirir *algum* conhecimento sobre quem foi o *verdadeiro* Camões (P. Mariz, 1980; M. S. Faria, 1998; A. S. Amora, 1955).

Um trabalho muito sério, nesta matéria, é a obra de Wilhelm Storck (W. Storck, 1980), que não deveria faltar em nenhuma biblioteca escolar.

Na impossibilidade absoluta de se ficar em posse de tudo o que se escreveu sobre o Poeta e a sua obra, há que fazer opções, que deverão passar pelas obras consideradas essenciais (na nossa perspectiva, uma parte razoável das que o são vai referida na bibliografia).

O importante será que a biblioteca escolar se empenhe em adquirir essas obras, dado que de nada valerá sugerirem-se aos alunos leituras sobre materiais que não lhes podem ser disponibilizados.

Será igualmente relevante que os professores, para além do recurso aos manuais de ensino, se empenhem na elaboração de materiais de apoio específicos sobre Camões (selecção de textos, comentários críticos, questionários, propostas de actividades...), que coloquem na biblioteca, recomendando aos alunos a sua consideração.

4.2 - A ÉPOCA

Apesar dos aspectos atemporais que possuem, *Os Lusíadas* são fruto de uma época, os Descobrimentos (L. Albuquerque, 1983), que, por sua vez, se integram no espírito do Renascimento (E. Garin, 1983; L. F. Barreto, 1983).

É necessário transmitir aos alunos que, com os Descobrimentos e o Renascimento (sobretudo portugueses e espanhóis), se entrou numa fase de viragem do tempo medieval para um tempo novo (uma verdadeira transformação de *paradigma*), com uma inflexão decisiva no desenvolvimento, a todos os níveis, da Europa e do mundo.

Ao mesmo tempo, cresce o interesse pela cultura greco-romana, pelos modelos estético-literários que lhe são inerentes (classicismo), e pelos valores humanistas (o homem medida de todas as coisas); desperta uma nova fé nas capacidades da razão humana e em novos ideários culturais e políticos (Galileu, Moro, Maquiavel); aprofunda-se o conhecimento do mundo (geografia, fauna, flora, orientação pelos astros, encontro com civilizações desconhecidas e seus usos, costumes, saberes...); transforma-se a sociedade, que passa de fundamentalmente agrária, baseada na troca directa, a capitalista e mercantil, incrementado-se o recurso à moeda, que conduz à acumulação de capital e a operações bancárias; desenvolvem-se os acessórios técnicos, aplicados com destaque na construção de embarcações e instrumentos náuticos; exercitam-se novos métodos de investigação científica, baseados na observação, na experiência, no domínio da natureza; desenvolve-se a medicina e o conhecimento do organismo humano, procurando-se novos meios para combater as doenças; assiste-se ao aparecimento da imprensa, que promove a informação e a difusão do conhecimento e das ideias.

Na religião, formula-se uma atitude crítica em relação à Igreja (Erasmus, Lutero), a preocupação com a livre interpretação dos textos sagrados (a Reforma e a libertação das consciências que se lhe seguiu), o apelo ao regresso à pureza evangélica.

Na educação, estabelece-se uma ruptura com a filosofia escolástica (autoritarismo, limitações à autonomia e ao espírito crítico), e difunde-se o estímulo à educação integral (do corpo, da mente, do espírito).

Na história e na literatura, divulgam-se relatos de viagens e naufrágios (Fernão Mendes Pinto, *História Trágico-Marítima...*), desenvolve-se a historiografia (João de Barros, Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Góis...).

Como se vê, trata-se de uma época importantíssima, da qual, em muitas dimensões, a nossa foi herdeira directa, necessitando, hoje, até, de recuperar referências perdidas em alguns dos seus aspectos essenciais.

É impossível compreender *Os Lusíadas* sem se deterem conhecimentos suficientes acerca de tudo isto, que consubstanciou o que foi uma das épocas mais singulares de sempre no percurso da humanidade (L. Albuquerque, 1983).

4.3 - A ESCRITA E AS MOTIVAÇÕES DA OBRA

Os estímulos à composição da epopeia portuguesa foram insistentes, antes e no tempo de Camões.

Compreende-se porquê. Não se sendo indiferente à mentalidade renascentista (a epopeia, composição destinada a cantar grandes feitos, integra-se nessa sensibilidade) e havendo consciência da importante matéria que havia para desenvolver, por parte dos portugueses... só faltava quem desse forma a esse sonho, só havia necessidade de um fautor. Tal fautor era procurado, entre si, pelos homens de cultura do tempo (F. Figueiredo, 1950), que se encorajavam mutuamente nesse sentido.

Entre os estímulos à composição da epopeia, destacaram-se:

a) Garcia de Resende (1470-1536), que, no Prólogo do *Cancioneiro Geral* (1516), refere que os feitos dos portugueses "não são divulgados como seriam se gente doutra nação os fizera", sendo merecedores de "os que mais sabem se espertarem a folgar d'escrever e trazer à memória" (G. Resende, 1973, p.5).

b) Gil Vicente (1465-1537), que, no *Auto da Fama* (1520), lembra que, embora todos queiram a fama (franceses, italianos, castelhanos...), ela será portuguesa (G. Vicente, 1974, p.117).

c) António Ferreira (1528-1569), que, na *Ode I*, estimula a que "sejam cantados / Altos reis, altos feitos", com "lira nova", "tantas / Portuguesas conquistas e vitórias" (M. E. T. Ferreira & B. M. Paula, 1975, pp.378-379); que, na *Carta a António Castilho*, estimula esse autor a que se escreva a "clara história do nome português" (M. E. T. Ferreira & B. M. Paula, 1975, pp.379-380); e que, na *Carta a Pêro Andrade Caminha*, pergunta: "o Português Império, que assim toma / Senhorio por mar de tanta gente, / Tanto bárbaro ensina, vence e doma", por que há-de ficar "tão baixamente / Sem Musas, sem espírito, que, cantando / O vá do Tejo seu, ao seu Oriente?", de modo a vencer "da alta Roma a grã memória?" (M. E. T. Ferreira & B. M. Paula, 1975, pp.380-381).

d) Fernão Lopes de Castanheda (1500-1559), que, na *História do descobrimento e conquista da Índia pelos Portugueses* (1551-1561), salienta a necessidade de se escrever a história dos feitos na Índia, para que se não percam (F. L. Castanheda, 1979, pp.3-5).

e) João de Barros (1496-1570), que, no Prólogo à Década I das Décadas da Ásia (1552), lembra que, no acto de "encomendar as cousas à custódia das letras, conservadores de tôdalas obras, a nação português é tão descuidada de si quão pronta e diligente em os feitos que lhe competem per milícia", e que "mais se preza em fazer que em dizer", importando fazer registo de tais feitos (M. E. T. Ferreira & B. M. Paula, 1975, p.588).

f) Damião de Góis (1502-1547), que, no Prólogo da *Crónica do Príncipe João* (1567), declarando que dará o seu contributo, insiste em que falta passar muitos feitos do passado a "escritura, mãe da eterna memória" (M. E. T. Ferreira & B. M. Paula, 1975, pp.620-621).

Contrariamente ao que certas biografias do Poeta pretendem fazer crer, Camões não entrava no número dos eleitos. Que se saiba, ele não fez parte de nenhuma alusão ou estímulo à epopeia, não era considerado candidato àquilo que viria a ser. Por isso não admira que tenha funcionado o factor surpresa (e até o factor indiferença) quando *Os Lusíadas* são publicados, em 1572.

*

Em si mesmos, *Os Lusíadas* são claramente uma obra que exigiu grande maturidade e longa reflexão de "escrita". Ainda que pudesse já ter ido em algum esboço, a obra não seguiu, de certeza, já concluída na bagagem do Poeta, quando ele saiu de Lisboa para a Índia, em 1553. Nisso acreditou Faria e Sousa, mas não é plausível que tenha sido verdade.

Foram determinantes para a composição da obra, num entender que nos parece claro, duas circunstâncias: a prisão do Poeta, em 1552, e o contacto que ele terá certamente tido, na prisão, com relatos (orais e escritos) sobre as viagens e o oriente, e com as obras de cronistas, como Fernão Lopes (1380?-1460), Duarte Galvão (1435-1517), Rui de Pina (1440?-1522?), João de Barros (1496-1570) ⁽⁴⁾, Fernão Lopes de Castanheda (1500-1559) ⁽⁵⁾.

Parece claro que a prisão terá sido, para Camões, a linha de separação entre uma vida destituída de responsabilidades e o início de uma actividade intelectual séria, que ele passou a desenvolver, e continuou no oriente. Faz todo o sentido que tal tenha acontecido já nessa altura (1552/1553), e não apenas "depois de 1554", como afirma Costa Pimpão (A. J. C. Pimpão, 1972, p.XIII).

Parece aceitável que a dedicatória a D. Sebastião (1554-1578) tenha sido composta "não longe de 1554" (A. J. C. Pimpão, 1972, p.XII), dado que o futuro rei nasceu nesse ano, em Janeiro, ou em 1555, mas foi, seguramente, nos primeiros tempos de oriente, de Camões. Nela é referido o "tenro" infante (*Os Lusíadas*, I,7-9). E a dedicatória foi deixada no poema tal como inicialmente foi escrita.

Este e outros aspectos (um outro exemplo: no episódio da Tempestade, Gama recebe um favor de Vénus e apressa-se a agradecer a Deus...) apontam para uma de duas hipóteses: ou o Poeta não reviu (actualizou), por razões que nos escapam, partes do seu texto ao publicá-lo (e isso parece difícil de aceitar), ou as tenazes da censura se fizeram sentir, logo na edição original da obra, não lhe dando liberdade para exercer a sua arte, como desejaria.

E em favor desta última hipótese está o facto de Camões, além de não ser um dos "eleitos"

⁽⁴⁾ - Pelo menos a primeira das suas *Décadas da Ásia*, publicada em 1552 (J. de Barros, 1973).

⁽⁵⁾ - Pelo menos o seu primeiro livro da *História do descobrimento e conquista da Índia pelos Portugueses*, publicado em 1551 (F. L. Castanheda, 1979).

ou "predestinados" para a composição da epopeia (transgredir essa *lei* granjeou-lhe, naturalmente, inimizades), não ter passado à margem da denúncia dos males de que enfermava a sociedade portuguesa, como "cobiça, ambição e incompetência dos dirigentes; roubo e injustiça sancionados pela lei; mando procurado com o intuito de dar largas aos próprios vícios; interesse particular anteposto ao bem público; tirania arvorada em direito" (J. M. Rodrigues, 1927, p.83). Enfim: males de que, como se sabe, a nossa sociedade deixou, finalmente, hoje de padecer...

O plano da obra terá sido esboçado estando ainda Camões em Lisboa, sendo começado a ser desenvolvido logo durante a viagem (W. Storck, 1980, p.460).

A experiência de vida e de mar (A. J. C. Pimpão, 1972, p.XII) e das terras orientais, com o conhecimento de textos casuais e de referência sobre o império nascente, permitiram a Camões o resto, na consagrada mistura do engenho e da arte de que resultou a nossa epopeia nacional.

As fontes de que o épico se serviu, em *Os Lusíadas*, sem dúvida muito variadas (J. M. Rodrigues, 1979), nada indica que tenham sido colhidas em Coimbra. A relação de Camões com a Universidade de Coimbra foi mais um mito introduzido na biografia de Camões, que ficava bem aí, mas que nenhuma análise consistente permite admitir. Se Camões tivesse estudado na Universidade de Coimbra (trasladada de Lisboa, para lá, em 1537), não passaria certamente despercebido nos registos da época (que, aí, para a época, eram bem desenvolvidos).

As obras de referência de que necessitou encontrou-as ele (directamente ou por referências) no oriente (J. M. Rodrigues, 1979).

De facto, são impensáveis *Os Lusíadas* sem uma razoável biblioteca ao pé. Dotar Camões de uma memória prodigiosa, como por vezes se pretende (A. J. C. Pimpão, 1972, p.XXIII), não é suficiente. Uma obra ou outra, e alguns textos volantes, tê-los-ia levado consigo desde Lisboa. Mas é preciso lembrar que Goa (para onde Camões foi, ainda que com intermitências de outras viagens, em 1553), nos anos cinquenta do século XVI já era um centro cultural muito desenvolvido para o tempo, com Universidade e tipografia, atraindo a si, naturalmente, documentos, registos e saber.

Julgamos que Costa Pimpão tem razão quando refere que Camões não terá despendido "longos anos" na primeira escrita do poema. Terá gasto mais tempo a aplicar-lhe a máxima de Horácio, a aperfeiçoar, a emendar, a "retalhar dez vezes", a "castigar até ao cabo" (Horácio, 1992, pp.98-99), em que, como bom renascentista que era, acreditava e que pôs em acção.

A obra terá sido salva de se perder (D. do Couto, 1973; J. Freitas, 1915) num naufrágio, "triste e miserando", referido no Canto X,128,1-4, de *Os Lusíadas* (terá sido um dos naufragos do navio de Leonel de Sousa, cujo afundamento nos mares da China se operou por 1558 ou 1559).

Camões regressa à Pátria em 1569. Diogo do Couto (1542-1616) diz ter-se cruzado com ele, nesse ano, em Moçambique, pobre, a viver de amigos (D. do Couto, 1973; M. A. L. Cruz, 1994, p.195 e pp.198-200).

Os Lusíadas são publicados em Lisboa, em 1572, depois de terem recebido aprovação do Censor – o, no mínimo, polémico padre Bartolomeu Ferreira – obtendo com eles, Camões, do rei, a tença (magra e irregularmente paga) de 15\$000 reis, que lhe foi atribuída pelos seus bons serviços no oriente (W. Storck, 1980).

Saem, nesse mesmo ano, duas edições da obra, que os estudiosos se têm ocupado a cotejar, passando por elas "importantes variantes textuais". Faria e Sousa (V. A. Silva, 2004, pp.IX-XIII) foi o primeiro camonista a denunciar a sua existência (V. A. Silva, 2004, p.XII), reconhecendo-se, hoje, que, havendo uma edição "primeira no tempo", isso não quer dizer que ela seja "autoridade suprema, e muito menos exclusiva, para a fixação do texto camoniano".

A "outra" edição, feita igualmente em vida de Camões, é significativa, porque "melhora o texto da edição anterior", e interessa ser considerada, pois não teria existido, certamente, sem o consentimento do Poeta (V. A. Silva, 2004, pp.XXIV).

4.4 - A ESTRUTURA DA OBRA

Se é sempre importante considerar a estrutura de uma obra literária (o seu cunho *literário* advém-lhe, em grande parte, daí), em *Os Lusíadas* tal importância acresce muito mais, dada a sua complexidade e os fins didácticos que nos movem.

a) Importará apontar aos alunos que se trata de uma epopeia – enquanto poema em verso que trata dos feitos heróicos do povo português, com reconhecida projecção universal (J. L. Vasconcelos, 1972), e depois considerar a sua estrutura interna: proposição (aquilo que o Poeta "se propõe" cantar – I,1-3), invocação às Ninfas do Tejo (pedindo-lhes inspiração e ajuda – I,4-

5), dedicatória (a D. Sebastião – I,6-18), narração (a apresentação dos feitos e da história). Há ainda um epílogo (X,145-156).

b) Uma outra visão sobre a estrutura da obra (A. J. Saraiva, 1992), que pode ajudar a completar a compreensão da primeira, aponta para comparar *Os Lusíadas* com a imagem da perfeição do globo expressa pelo próprio Camões.

Segundo essa proposta, a estrutura da obra é como um globo formado por quatro esferas concêntricas.

A primeira esfera, a do exterior, é a de Deus que o cerca.

A segunda esfera, no sentido do interior, é a narração do Poeta, cujas personagens são os deuses e os heróis (por exemplo, Vasco da Gama, Tétis).

A terceira esfera é a narração feita por personagens, como por exemplo Vasco da Gama ao rei de Melinde ou Tétis ao Gama.

A quarta esfera é constituída pelas narrações operada pelas personagens, objecto da narração da terceira esfera – por exemplo, a narração-súplica da Formosíssima Maria a D. Afonso IV (III,103-105).

c) Ainda outra visão da estrutura de *Os Lusíadas* (J. Sena, 1980) permite encontrar na sua acção quatro planos: o plano da viagem (de Lisboa a Moçambique, à Índia, à Ilha dos Amores, com regresso), o plano da história de Portugal, desde as origens até à partida de Lisboa em 1497, o plano da mitologia (acção directa/indirecta dos deuses), o plano das reflexões do Poeta, com comentários seus, sobretudo no final dos cantos (J. Sena, 1980, p.107).

Para além disto, é importante salientar que, em *Os Lusíadas*, prevalece a unidade estrutural, e neles Camões interliga, com mestria, a dimensão histórica com a da viagem, a dimensão real e a mitológica.

Os dois planos presentes em *Os Lusíadas*, o humano e o divino, caminham em paralelo ao longo de toda a obra, para se encontrarem na "ínsula divina", o "momento epifânico do poema", quando deuses e homens "se fundem em comunhão exemplar da masculinidade com a feminilidade, dos portugueses com Tétis, o mar" (A. Cirurgião, 1999, p.15).

4.5 – OS EPISÓDIOS DE MAIOR DESTAQUE

O eixo do poema é, evidentemente, a viagem do Gama à Índia. Mas *Os Lusíadas* não são só a viagem do Gama, "são ainda todos os seus reis, todos os seus heróis, todos os seus gloriosos barões" (A. J. C. Pimpão, 1972, p.XXVII), todos os feitos e circunstâncias narrados.

Daí que, na abordagem didáctica de *Os Lusíadas*, não se possa deixar de considerar esses feitos e circunstâncias, consubstanciados naquilo que tradicionalmente se tem designado por "episódios".

Claro que importará incentivar os alunos a uma leitura integral da obra. Mas dadas as dificuldades previsíveis, impõe-se que isso venha a acontecer depois da abordagem escolar ter sido iniciada ou mesmo concluída. De outro modo, não será de admirar que a desmotivação se instale. Por outro lado, o tempo disponível para trabalhar a obra, por mais dilatado que seja, será sempre escasso. Importará, sobretudo, desencadear aprendizagens e competências no sentido de potenciar, algum dia, a abordagem pessoal das partes em falta.

Daí que, para além de uma preparação global acerca da obra (por exemplo, H. Cidade, 2001), um bom caminho possa ser a selecção de episódios, comportando os seus vários tipos (com maior ou menor predominância da dimensão histórica, mitológica, naturalista, simbólica, lírica), mas preenchendo-se os espaços entre eles, para que a obra não surja de forma desconexa aos olhos dos alunos.

Jorge de Sena (J. Sena, 1980, p.77), referência essencial nesta matéria, considera os episódios como "ingredientes do sentido", que surgem na obra como elos de ligação do todo estrutural e expressivo que ela é. Segundo ele, em *Os Lusíadas* existem os seguintes "verdadeiros" episódios: Salado (III,107-117), Inês de Castro (III,118-135), Aljubarrota (IV,28-45), Velho do Restelo (IV,94-104), Adamastor (V,37-60), Doze de Inglaterra (VI,43-69), S. Tomé (X, 118-119), e ainda ("por ventura") a Tempestade (VI,70-79). Em complemento disso, o mesmo autor chama a atenção para três "narrações maravilhosas", que "interessam à acção do poema como narrativa e à projecção mítica dele" (J. Sena, 1980, p.78), e são os dois consílios dos deuses, do céu (I,20-41) e do mar (VI,6-37), e a sedução de Júpiter por Vénus (II,33-63).

Na perspectiva didáctica que aqui nos interessa, os episódios deverão ser entendidos como passagens da obra dotadas de unidade, blocos por si mesmos com sentido. Assim entendidos, os episódios de *Os Lusíadas* são muitos e diversificados, como aliás consideram, tradicionalmente, os programas de ensino e é entendimento corrente nas escolas.

4.6 – A DIMENSÃO FORMATIVA DA OBRA

Há aspectos, em *Os Lusíadas*, que surgem *datados*, marcados pelo tempo em que o livro saiu da pena do seu *autor empírico*.

Facilmente nos apercebemos deles, à medida que vamos avançando, com espírito crítico, na leitura da obra.

Claro que, hoje, não temos monarquia, não se trabalha ao serviço do rei, não existe império material, não se estimula (pelo menos abertamente) o espírito belicista, não se recorre convictamente à mitologia como garante estético, não se propugna por uma mentalidade de cruzada, não se apontam os *turcos* como ameaça, não se almeja dilatar a fé como desígnio patriótico, não se contrapõem valores medievais a valores renascentistas, etc..

Neste sentido, *Os Lusíadas* são uma obra datada.

Mas para além disso, existem outros aspectos em que *Os Lusíadas* não perderam (se é que não reforçaram até) a sua importância.

Dando-se apenas alguns exemplos, teremos que: *Os Lusíadas* não perderam beleza como obra da arte literária, não perderam dimensão simbólica, valores da Pátria, da especificidade de ser português (caracteres de identidade), não se desligaram dos grandes temas e do culto dos valores atemporais da humanidade (amor e amizade, coragem, patriotismo, heroicidade...).

Daí que se possa concluir que de modo algum será *superfluo* o estudo de *Os Lusíadas* na escola.

Na fase de desenvolvimento em que os alunos se encontram, faz todo o sentido trabalhar com eles a obra maior da cultura portuguesa, perseguindo-se objectivos formativos e educativos, como:

a) Dimensão cultural.

Consideração da globalidade da obra, na multiplicidade de aspectos que a constituem.

b) Valores do humanismo.

O Renascimento desenvolveu uma forte intervenção na esfera dos valores. Se alguns desses valores são hoje menos considerados (sobretudo os valores políticos), muitos são os que continuam como referência humana essencial (o amor, a paz, o respeito pela dignidade humana, a justiça e a solidariedade...).

c) Valores do universalismo.

O Renascimento foi, igualmente, a procura do universal – o homem, na sua visão mais alargada, sem limites nem fronteiras de qualquer tipo. Ao representar-se a ligação do ocidente ao oriente, assiste-se à quebra das barreiras naturais do mundo e à interacção de culturas.

Dignificando os portugueses, *Os Lusíadas* dignificam o que é *ser humano*, na sua dimensão afectiva, emocional e racional; na sua capacidade de observar, reflectir, investigar, estipular normas e princípios; no seu querer, determinação e autonomia; na sua capacidade de integração; na capacidade científica e técnica que está na base do verdadeiro desenvolvimento; na sua capacidade de rasgar horizontes novos, de ultrapassar crises, de transpor espaços, de ultrapassar obstáculos naturais.

d) Valores nacionais.

Estes valores (como a história ensina) terão de ser veiculados sempre com moderação. Não faz sentido que a utopia seja de quem for, porventura a mais bem intencionada, faça sobrepor tais valores a todos os outros, provoque instabilidades e conflitos.

De qualquer modo, tais valores não deixaram de ser importantes.

A pretexto de *Os Lusíadas*, há que reflectir acerca da identidade de Portugal (face à Europa a que pertencemos, face aos países de Língua Portuguesa com que hoje temos afinidades essenciais, face ao mundo globalizado de que não é possível nem desejável excluirmo-nos).

O que foram a nação e a Pátria portuguesas no séc. XVI, e o que são elas neste dealbar do séc. XXI.

Em que aspectos se evoluiu e em que é que porventura se está mais deficitário.

O que foi *ser português*, no tempo de Camões, e o que é ser português hoje.

Em que aspectos assenta a *dignidade* de ser português, enquanto povo, devendo ser reconhecidos os defeitos, mas também as virtudes.

Que posições foram assumidas por Camões, relativamente à realidade do seu tempo (J. Madeira, 2000), e onde perderam ou mantêm elas actualidade.

Que estímulo é possível dar ao *pensamento positivo*, visando um "optimismo sustentado" que permita realizações, em todos os domínios (sócio-cultural, político, económico-financeiro, empresarial...), com vista ao desenvolvimento de Portugal e dos portugueses.

A recompensa devida ao esforço e ao mérito (conceito profundamente clássico, do general a quem era devido um monumento quando regressava da campanha militar vencida...), mas que, em *Os Lusíadas*, aparece ligada ao sonho, a uma ilha que não é real (as ilhas de bruma), representando que é preciso trabalhar sempre sem desfalecer. E relativamente a alguns, dos mais valorosos, a Pátria, marcada, mais que qualquer outra, por uma *hipercaninofobia* sem limites, não os reconhece.

5 – PROPOSTA METODOLÓGICA PARA A ABORDAGEM DIDÁCTICA DE *OS LUSÍADAS*

O esforço de leitura a desenvolver com *Os Lusíadas* não deverá ser diferente do esforço exercido em relação a outras tipologias textuais.

Não havendo, efectivamente, regras fixas para isso, importa insistir sobretudo na *leitura do texto* e tomar a obra, nomeadamente, como pretexto para o debate de ideias e um estudo integrado de todos os *vectores textuais*, que, uma vez que integram o texto, deverão contribuir para a sua leitura.

Não se enjeita que o estudo de *Os Lusíadas* englobe uma abordagem gramatical, de morfologia e sintaxe. Ela é importante em si mesma e concorre grandemente para o estudo/compreensão do poema. Dispensar isto será desperdiçar uma oportunidade para trabalhar a língua neste domínio.

Mas tal não significa que se possa reduzir o estudo de *Os Lusíadas* a apenas isto.

O estudo da epopeia de Camões pode servir de base para o trabalho com a língua (origens, derivas, sincronia e diacronia, nível utilitário e nível artístico, tipos de discurso, potencialidades linguísticas, comunicativas, expressivas, literárias...).

Sabendo-se que é extremamente rico o tratamento da língua em *Os Lusíadas* (J. G. H. Carvalho, 1980; A. P. Castro, 1980; J. Sena, 1982), tal deverá ser feito com o maior cuidado, na aula, de modo a não se marcar negativamente os alunos.

Outros aspectos a considerar, ainda que com os mesmos cuidados, serão o estudo do vocabulário, de questões etimológicas e semânticas, das referências clássicas, das figuras de retórica... atendendo-se sempre à adequação do carácter multifacetado da obra às oportunidades e à sensibilidade dos alunos.

Outra orientação a ter em conta é a leitura da obra através da consideração de episódios. A justificação para esta via encontra-se na própria natureza dos "episódios". Estes indicam uma acção acessória, em relação à principal, um acontecimento parcial que se insere no todo. São os herdeiros da técnica da *rapsódia*, que consistia no encadeamento de trechos de poemas épicos, no grego antigo, recitados pelos *aedos*, ou *rapsodos*.

*

O estudo de *Os Lusíadas*, na escola, deverá ser ainda pretexto para aprender a ler em profundidade, criando-se raízes para o desenvolvimento da competência de leitura a exercer pela vida fora.

Daí que o estudo de cada episódio se deva inserir, na escola, dentro de uma metodologia de abordagem textual. Já noutra lugar propusemos que tal estudo tem muito a ganhar se se desenvolver, em termos didácticos, em três fases (L. M. Silva, 1989): fase preparatória, fase analítica e fase valorativa, que importará considerar.

Mesmo assim, sugerimos, especificamente para *Os Lusíadas*, uma metodologia de que fariam parte aspectos como:

a) Selecção do texto, de preferência episódio, o mais possível o episódio completo, a estudar.

b) Leitura do excerto/episódio (a seu nível mais elementar, da decodificação dos grafemas). Trata-se de um momento importante, dado tratar-se de uma obra em português clássico. Esse exercício de leitura não deverá ser simplificado, mas exercido sobre o texto original, com as explicações necessárias (o latim, o grego, a cultura clássica, a cultura renascentista, a dimensão filológica, a dimensão semântica...).

c) Integração do excerto no episódio, e deste no canto e na estrutura da obra, para que surja ao aluno devidamente enquadrado.

d) Consideração do vocabulário, numa dimensão linguística e cultural alargada. Será motivador e formativo para o aluno compreender os laços que ligam a linguagem usada por Camões e a sua, separadas por mais de quatro séculos.

e) Elaboração de um glossário. Tal elaboração, a cargo do aluno, contando com a ajuda do professor, incluirá as pesquisas realizadas, com recurso a diversas fontes efectivamente referenciadas. Trata-se de uma actividade nuclear, pelas competências que desenvolve. Pelas suas características, o glossário estará sempre aberto a novas intromissões e acrescentamentos. Só assim será útil e formativo. Deverá implicar consulta bibliográfica (bibliotecas, Internet).

f) Organização (pela oralidade e depois pelo registo escrito) dos sentidos do texto. Procura da linearidade sintáctica, através do labirinto (exigido pelas regras da epopeia e pelos modelos linguísticos e culturais greco-latinos). Impõe-se a aplicação (porventura o desenvolvimento), aqui, das pesquisas efectuadas para a elaboração do glossário.

g) Consideração da dimensão retórico-estilística. Deverá ser suscitada pelo texto e aprofundada consoante as exigências que ele impuser. Contudo, tratando-se de uma epopeia, estudada com intenções formativas, esta dimensão merece um tratamento especial, que passa pela individualização dos aspectos nela contidos. Recorde-se como a dimensão retórico-estilística, muito valorizada entre os clássicos (Aristóteles, 2002; L. Rohden, 1997; Cícero, 1999), foi muito focada no Renascimento: Jorge de Trebizonda (1411-1475), Desidério Erasmo (1467-1536), Juan Luís Vives (1492-1540), Melanchton (1497-1560), Cipriano Suárez (1524-1593)... – mas dela se

dizendo (A. Resende, 1956), já então, que, sendo muitos os que a referem, poucos verdadeiramente a compreendem e dominam.

h) Consideração da dimensão simbólica, mitológica e do âmbito dos valores. Tal como a dimensão anterior, estes aspectos não podem aparecer desligados do contexto. Mas tratando-se de uma epopeia, não poderão igualmente deixar de ser objecto de um desenvolvimento cuidado.

i) Elaboração de sínteses parciais, a realizar por partes (ou segmentos de sentido) do texto, por vezes, ainda que nem sempre, identificados com as estrofes.

j) Realização de sínteses finais do episódio – com intenção de reforço das aprendizagens.

k) Reforço das aprendizagens – realização de questionários, debates, actividades (passagem da ordem alterada para a ordem directa do discurso, o que muito interfere no desenvolvimento do gosto pela leitura; actividades de escrita/reescrita, adaptações, transmutação do verso em prosa; busca de paralelismos, a nível linguístico, retórico, sintagmático, discursivo; enriquecimento vocabular, comunicativo, expressivo, actividades lúdicas adequadas...).

l) Avaliação. Apreciação da progressão do aluno, pela via da auto e hétero-avaliação. Aqui, os questionários contidos em diversos manuais podem ser muito úteis, sendo de considerar, em primeira mão, os materiais elaborados pelos próprios professores.

6 – CONCLUSÕES

Se há necessidade de estudar *Os Lusíadas*, por se tratar da epopeia nacional dos portugueses, há igualmente que atender à sua complexidade, o que, dadas as transformações de *paradigma educativo* em que o nosso ensino se encontra envolvido, interfere directamente na abordagem didáctica a fazer.

Mesmo não tendo de ser, hoje, como foi em certas ocasiões do passado, "a base na nossa educação nacional" (J. M. Rodrigues, 1927, p.86), a epopeia camoniana continua a ser uma obra de referência para os portugueses, e por isso merece ocupar, na escola, um lugar especial.

Trata-se da "epopeia dos portugueses", pelo que expõe, sobre eles, de positivo e do que não o foi tanto.

Não é aceitável desprezar o contributo que *Os Lusíadas* podem dar nestes domínios. Conhecer o bem e o mal que integrou o nosso passado ajuda a compreender melhor, não só esse passado, mas também o presente, o povo que somos, e o que, no futuro, pretendemos/esperamos ser.

Importa que os professores partam fundamentados e motivados para o estudo da obra, e saibam transmitir essa fundamentação e motivação aos seus alunos, desenvolvendo com eles procedimentos adequados para que cada vez melhor a escola possa corresponder aos desafios que lhe são colocados.

Várias foram as metodologias do passado que não se coadunam com a realidade do presente. Mas a epopeia de Camões não tem, em si mesma, nada a ver com isso.

Ao propor-se uma abordagem, que se pretende "renovada", para o estudo de *Os Lusíadas*, na escola, parte-se do reconhecimento de que há muito para fazer. Tendo-se a consciência de que não se está a *inventar* o que quer que seja, detém-se a convicção de que é preciso "reformular" quase tudo, para que, do estudo da epopeia camoniana, na escola, resulte um efectivo proveito para a formação dos alunos.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Luís de (1983). *Os descobrimentos portugueses*. Lisboa: Publicações Alfa.
- AMORA, António Soares (1955). *Manuel Pires de Almeida – Um crítico inédito de Camões*. São Paulo: USP-FFCL.
- ARISTÓTELES (2002). *Retórica*. México: Universidad Nacional Autónoma de México.
- BARRETO, Luís Filipe (1983). *Descobrimientos e Renascimento – formas de ser e de pensar nos séculos XV e XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- BARROS, João de (1973). *Décadas da Ásia*. Lisboa: Ed. Livraria Sam Carlos.

- BENEDITO, Silvério (1997). *Para uma leitura de Os Lusíadas, de Luís de Camões. Apresentação crítica, síntese didáctica, perspectiva intertextual*. Lisboa: Editorial Presença.
- BLOOM Harold (2000). *Como leer y por qué*. Barcelona: Anagrama.
- CARVALHO, José Gonçalo Herculano de (1980). Contribuição d' *Os Lusíadas* para a renovação da Língua Portuguesa. *Revista Portuguesa de Filologia*, Vol. XVIII, pp.1-39.
- CASTANHEDA, Fernão Lopes de (1979). *História do descobrimento e conquista da Índia pelos Portugueses*. Porto: Lello & Irmão.
- CASTRO, Aníbal Pinto de (1972). O episódio do Adamastor: seu lugar e significado na estrutura de *Os Lusíadas*. In *XLVIII Curso de Férias da Faculdade de Letras de Coimbra. Ciclo de lições comemorativas do IV Centenário da publicação de Os Lusíadas*. Coimbra: Universidade de Coimbra, pp. 61-78.
- CASTRO, Aníbal Pinto de (1980). Camões e a Língua Portuguesa. In *Quatro orações camonianas*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, pp.15-36.
- CÍCERO (1999). *El orador perfecto*. México: Universidad Nacional Autónoma de México.
- CIDADE, Hernâni (2001). *Luís de Camões: o épico*. Lisboa: Editorial Presença.
- CIRURGIÃO, António (1999). A divinização do Gama de *Os Lusíadas*. In *Leituras alegóricas de Camões e outros estudos de literatura portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp.11-32.
- COUTO, Diogo do (1973). *Décadas*. Lisboa: Livraria Sam Carlos.
- CRUZ, Maria Augusta Lima Cruz (1994). *Diogo do Couto e a Década 8ª da Ásia*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Vol. II, pp. 195 e 198-200.
- ERLICH, Victor (1974). *El formalismo ruso: historia-doctrina*. Barcelona: Seix Barral.
- FARIA, Manuel Severim de (1998). Vida de Luís de Camões. In *Discursos vários políticos*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp.99-152.
- FARIA, Maria do Céu Novais de (1972). *Esquemas de lições sobre Os Lusíadas*. Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do IV centenário da Publicação d' *Os Lusíadas*.
- FERREIRA, M. Ema Tarracha & PAULA, Beatriz M. (1975). *Textos literários século XVI*. Lisboa: Aster.
- FIGUEIREDO, Fidelino de (1950). *A épica portuguesa no séc. XVI*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- FREITAS, Jordão de (1915). *O Naufrágio de Camões e d' Os Lusíadas*. Lisboa: Typographia Castro Irmão.
- GARIN, Eugénio Garin (1983). *O Renascimento – história de uma revolução cultural*. Porto: Livraria Telos Editora.
- GENETTE, Gérard (1972). Discours du récit. In *Figures III*. Paris: Seuil, pp.71-273.
- GONÇALVES, Luís da Cunha (1947). Estado actual do problema da identificação da ilha namorada. In *Estudos camonianos*. Porto: Editorial Domingos Barreira, pp.13-48.
- HORÁCIO (1992). *Arte poética*. Lisboa: Editorial Inquérito.
- IPFLING, Heinz-Jürgen (1979). *Vocabulário fundamental de pedagogia*. Lisboa: Edições 70, pp.89-92.

- JAEGGER, Werner (1995). *Paidéia. A formação do homem grego*. São Paulo: Martins Fontes.
- MADEIRA, José (2000). *Camões contra a expansão e o império: Os Lusíadas como antiepopéia*. Lisboa: Fenda.
- MARIZ, Pedro de (1980). *Vida de Camões*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- MARROU, Henri-Irénée (1948). *Histoire de l'éducation dans l'antiquité. Le monde romain*. Paris: Éditions du Seuil.
- MATOS, Maria Vitalina Leal de (1983). *A poesia épica de Camões. Tópicos para a leitura d' Os Lusíadas*. Lisboa: Ministério da Educação, F.A.O.J..
- PAIS, Amélia Pinto (1982). *Para compreender Os Lusíadas*. Coimbra: Centelha.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha (1990). *Estudos de história da cultura clássica. Cultura romana*. Lisboa: Gulbenkian.
- PIMPÃO, Álvaro Júlio da Costa (1972). *Os Lusíadas de Luís de Camões*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- PLATÃO (1996). *A república*. Lisboa: Gulbenkian.
- RAMALHO, Américo da Costa (1978). *José Hermano Saraiva. Vida Ignorada de Camões. Recensão Crítica*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- RESENDE, André de (1956). *Oração de sapiência (Oratio pro rostris)*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura.
- RESENDE, Garcia de (1973). *Cancioneiro geral de Garcia de Resende*. Coimbra: Instituto de Alta Cultura.
- RODRIGUES, José Maria (1927). Lição inaugural da Cadeira de Estudos Camonianos. In Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. *Livro comemorativo da fundação da Cadeira de Estudos Camonianos*. Coimbra: Imprensa da Universidade, pp.65-93.
- RODRIGUES, José Maria (1979). *Fontes d' Os Lusíadas*. Lisboa: Academia das Ciências.
- ROHDEN, Luiz (1997). *O poder da linguagem: a arte retórica de Aristóteles*. Porto Alegre: Edipucrs.
- SARAIVA, António José (1992). *Estudos sobre a arte d' Os Lusíadas*. Lisboa: Gradiva.
- SARAIVA, José Hermano (1978). *Vida Ignorada de Camões*. Mem Martins: Europa-América.
- SCHÖN, Donald A. (1996). *The reflective practitioner: how professionals think in action*. Aldershot: Arena.
- SENA, Jorge de (1980). *A estrutura de Os Lusíadas e outros estudos camonianos e de poesia peninsular do século XVI*. Lisboa: Edições 70.
- SENA, Jorge de (1982). *Estudos sobre o vocabulário de Os Lusíadas*. Lisboa: Edições 70.
- SILVA, Lino Moreira da (1989). *Do texto à leitura*. Porto: Porto Editora.
- SILVA, Lino Moreira da (2005). Influências da *Eneida*, de Virgílio, na catábase d' *Os Lusíadas*, de Camões – uma proposta de abordagem escolar. In *Actas do Colóquio de Homenagem ao Professor Doutor Amadeu Torres, "Gramática e Humanismo"*. Braga: Universidade Católica, pp.555-569.
- SILVA, Maria Alda Loya Soares (1988). *A leitura como viagem. Uma abordagem de Os Lusíadas na escola*. Lisboa: Editorial Presença.

- SILVA, Vitor Aguiar e (1999). Função e significado do episódio da *Ilha dos Amores* na estrutura de *Os Lusíadas*. In *Camões: labirintos e fascínios*. Lisboa: Cotovia, pp.131-143.
- SILVA, Vitor Aguiar e (2001). O ‘naufrágio’ de *Os Lusíadas* no Ensino Secundário. *Jornal Público*, de 01.09.2001.
- SILVA, Vitor Aguiar e (2004). *Os Lusíadas de Luís de Camões*. Braga: Universidade do Minho [Prefácio].
- SOUSA, Manuel de Faria e (1972-a). *Lusíadas de Luís de Camões, comentadas por Manuel de Faria e Sousa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- SOUSA, Manuel de Faria e (1972-b). *Rimas várias de Luís de Camões, comentadas por Manuel de Faria e Sousa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- STORCK, Wilhelm (1980). *Vida e obras de Luís de Camões*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- UNESCO (2001). Declaração da *International Education* sobre ética profissional. Terceiro Congresso Mundial da Internacional da Educação, realizado em Jomtiem, Tailândia, de 25 a 29 de Julho de 2001. In url: "<http://www.ei-ie.org>".
- VASCONCELOS, José Leite de (1972). A estrutura de *Os Lusíadas*. In Artur Viegas. *Os Lusíadas de Luís de Camões, anotados para uso das escolas*. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, pp.XXI-XL.
- VICENTE, Gil (1974). Auto da fama. In *Obras Completas*. Lisboa: Sá da Costa, vol. V, pp.117-140.